

Isolde Helena Brans e a Conjuração Mineira (As dimensões internacionais do Movimento Precursor *Vendek*)

José Antônio de Ávila Sacramento

Atendendo a convite da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, a pesquisadora dra. Isolde Helena Brans compareceu nesta cidade, onde proferiu brilhante palestra e apresentou cópias de diversos documentos que comprovam o lado político e estratégico do nosso conterrâneo Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*. O evento integrou a programação oficial da “Capital Brasileira da Cultura 2007” e serviu para lembrar os 215 anos da execução do Tiradentes.

Os estudos e pesquisas de dra. Helena Brans, durante o tempo em que passou debruçada sobre documentos no Brasil, Portugal, França, EUA e outros países, trouxeram à tona interessantes novidades a respeito do movimento libertário que ocorreu em Minas Gerais, no século XVIII.

Joaquim José da Silva Xavier, que é comumente tratado como sonhador e lembrado apenas como mártir, foi muito mais do que isto. Segundo a pesquisadora, ele era um ativista de primeira linha, um verdadeiro estadista que em 1787 já estabelecia contatos pessoais com Thomas Jefferson, então embaixador dos EUA na França, visando planejar o futuro comercial e político desta Pátria. É muito importante esta versão de estadista creditada a Joaquim José da Silva Xavier. O *Tiradentes* mostrava-se um revolucionário consciente, preocupado com os destinos da Pátria livre e já tratava de acordos comerciais internacionais que viabilizassem a política externa da futura República. A meta era “acionar um vasto plano revolucionário”, buscar apoios para a emancipação da então Colônia, criar uma República Sul-americana e assegurar um sistema de trocas comerciais.

Helena Brans descobriu consistentes provas (no Arquivo Ultramarino - Lisboa, Portugal) de que o Alferes da Cavalaria de Minas Gerais esteve na Europa, onde entrou clandestinamente. No "Livro da Porta" (ou de portaria), onde se registrava as pessoas que chegavam à Corte, ela descobriu o registro do nome de Joaquim José da Silva Xavier, com a data de 04 de setembro de 1787. Na Torre do Tombo há referência à chegada do Tiradentes em Lisboa, registro contido no livro 30 da Chancelaria da Rainha D. Maria I. Helena rastreou a viagem de Tiradentes à Europa, àquela época integrante de um grupo pré-revolucionário que usava o codinome de "VENDEK".

“Tais constatações erguem a tarefa urgente de se efetuar a definitiva reavaliação da saga Conjurada, com resgate dos nomes e perfis de seus autores, como Domingos Vidal Barbosa, José Álvares Maciel, José de Sá Bittencourt, José Joaquim da Maya e outros ativistas, integrantes da ação ‘Vendek’, em que atuou como emissário e interlocutor o Alferes Joaquim José da Silva Xavier. Em decorrência, reafirma-se aqui a necessidade de, após o exame da documentação já reunida, oficializar e inserir na História

esta saga, divulgando-a amplamente, através de todos os meios de comunicação disponíveis; isso é uma questão de Justiça!”, afirmou Isolde Helena Brans.

O historiador Waldemar de Almeida Barbosa reconheceu que “a historiadora Isolde Helena Brans aprofundou suas pesquisas, para nos mostrar o Tiradentes como legítimo líder, homem de rara visão, um estadista, que sonhou ver sua pátria livre do jugo opressor. O *Tiradentes* que Isolde Helena Brans apresenta é diferente do retratado por Joaquim Norberto” (J.Norberto foi um monarquista que combateu as idéias republicanas e que achava que a melhor maneira de debelar a onda republicana, na sua época – 1873 – seria destruir a imagem do *Tiradentes*. Norberto publicou História da Conjuração Mineira, onde apresenta o Alferes como moleque, desmiolado, louco, inocente útil, bode expiatório...). Waldemar de Almeida Barbosa continuou: “o Brasil é o único país da América, em que existe, há mais de um século, uma campanha sistemática de desmoralização do precursor da independência. É tempo de se conhecer o verdadeiro Tiradentes, o organizador do belo movimento da Inconfidência Mineira, o único que em vez de acusar os companheiros, procurou inocentá-los”. Estas citações de Barbosa estão escritas no prefácio da obra “Tiradentes face a face”, da autoria de Isolde Helena Brans (Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1992, 84p.: fac-símiles-Biblioteca Reprográfica Xérox, v.30).

Ficaria muito bem à terra são-joanense, em cujo solo veio à luz o menino Joaquim José da Silva Xavier, levar em frente o resultado das pesquisas referenciadas, já que visualizamos que a Conjuração Mineira não foi um movimento inconseqüente ou apenas mero sonho de poetas. O movimento, pelo que se percebe, foi bem alicerçado e estrategicamente bem estruturado. A esperança é a de que as universidades mineiras, principalmente aquelas que oferecem cursos de História, especialmente a UFSJ, tomem para si a responsabilidade histórica de aceitar e analisar a proposição teórico-metodológica deste assunto, desfazendo a compreensão de que “os fatos não falam por si mesmos”, posto que não são os “fatos” que teimam em nos dizer alguma coisa nova, mas sim os documentos (fontes primárias) que nos revelam os acontecimentos. Decerto que caberia e soaria muito bem “ao espaço acadêmico a ambição de estabelecer uma ‘verdade’ sobre os fatos da ‘Inconfidência’ para o país”. É uma questão de interesse histórico, cívico, patriótico, pedagógico e de honra à memória do *Tiradentes*. Como disse Isolde, “ao patrono cívico da Nação brasileira não cabe mais o perfil de ‘apenas-Mártir’. Seu vulto exige um necessário redimensionamento histórico, para ocupar, com Justiça, o posto que lhe cabe nos compêndios escolares e na memória popular”.

Quem sabe, a partir das pesquisas da dra. Isolde, passando por São João del-Rei, será possível desfazer algumas idéias errôneas e preconceituosas a respeito do Patrono Cívico desta Nação? O articulista Roberto Pompeu de Toledo, em artigo publicado na página 134 da revista Veja (edição 2005, ano 40 – nº. 16, de 25 de abril de 2007), escreveu que “nunca ficará clara a exata importância do papel desempenhado por Joaquim José da Silva Xavier na Inconfidência Mineira” e que “nunca ficou claro se ele era um revolucionário ou um bobo...”. Quem sabe podemos esclarecer para Pompeu de Toledo que o *Tiradentes* não foi “um bobo boquirroto, que nos bordéis oferecia às prostitutas lugares de destaque na república que pretendia construir”? Quem sabe será

possível desfazer a idéia de que “Joaquim José da Silva Xavier cumpre uma trajetória que vai de um Macunaíma dos bordéis a um místico que, pelo martírio, supera o Conselheiro ou o padre Cícero”? Quem sabe o *Tiradentes*, a partir do seu perfil de estadista bem traçado por Isolde Brans, não deixaria de ser considerado apenas um “adepto falastrão de um movimento contestatório” e uma pessoa “que fazia bico como hábil arrancador de dentes”, como escreveu no mesmo artigo o Roberto Pompeu de Toledo?

Assim, creio que doravante não devemos admitir calados mais especulações ou “opiniões pessoais” a respeito da verdadeira saga do Tiradentes e seus companheiros de Conjura. Temos que dar a devida importância aos documentos apresentados pela dra. Isolde, e, se preciso for, revisar os livros de História. São os documentos que “falam” e torna-se necessário dar muita atenção aos fatos que essas fontes documentais teimam em nos informar.



Isolde Helena Brans em S. João del-Rei (foto de J. A. Ávila)